

Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas

Memory and life history: giving voice to the elderly

Tatiane Dias Casimiro Valença
Luciana Araújo dos Reis

RESUMO: Este estudo objetiva uma reflexão teórica a respeito da importância de dar voz e escutar a memória coletiva e a história de vida de pessoas idosas, uma vez que estas podem contribuir para sua própria identidade, como também para a propagação de saberes para outras gerações. É notório que a sociedade contemporânea não outorga a essa parcela da população o devido valor e respeito, sendo que, muitas vezes as pessoas idosas são vistas como sem função. No entanto, a pessoa idosa deve ser compreendida como ser social, potencial transmissor de memória dos grupos sociais a que pertence e patrimônio para a sociedade.

Palavras-chave: Pessoa Idosa; Memória; História de vida; Narrativa; Identidade.

ABSTRACT: *This study aims at a theoretical reflection about the importance of giving voice and listen to the collective memory and history of life of older people, since they can contribute their own identity, but also to spread knowledge to other generations. It is clear that contemporary society does not grant this population due weight and respect, and, often, the elderly are seen as no function. However, the elderly should be understood as a social being, potential transmitter of collective memories of the social groups to which he belongs and wealth for society.*

Keywords: *Elderly; Memory; Life's history; Narrative; Identity.*

Introdução

É evidente o aumento da população idosa em nível mundial e, especificamente, de maneira rápida e intensa no Brasil, no qual ocorre uma ampliação a cada ano da participação da população com 60 anos ou mais de idade. Acrescido a este fenômeno, ocorre também o aumento da população “mais idosa”, ou seja, aquela com 80 anos ou mais, evidenciando a heterogeneidade deste segmento populacional, e fazendo surgir novos paradigmas para o processo de envelhecimento (Camarano, 2010).

Diante deste contexto de aumento populacional dos idosos, observa-se a relevância científica e social de se investigar e conhecer as vivências desses indivíduos, como eles enfrentaram, e se adaptaram, ao envelhecer, analisando os vários aspectos que estão envolvidos neste processo e indo além do fator biológico (Valença, & Silva, 2011).

Para isso, é necessário ouvir e dar voz às pessoas idosas para que elas possam revelar suas histórias, experiências do que viveram e as expectativas do que ainda está por vir. Esta narrativa da memória e histórias de vida das pessoas idosas é fundamental para a construção de sua própria identidade, e para que outras gerações possam aprender com suas experiências de vida.

Em meio a uma sociedade onde a tecnologia, o consumismo e a individualidade se mostram cada vez mais presentes, a experiência de escutar a história de vida das pessoas ocupa um espaço demasiadamente reduzido. Principalmente, quando quem fala é a pessoa idosa que é, muitas vezes, compreendida pela sociedade como ultrapassada, frágil e incapaz.

Entretanto, um dos papéis sociais atribuídos à pessoa idosa é o de ser a memória coletiva dos grupos sociais a que pertence, narrando suas histórias e transmitindo seu legado cultural. Por meio de suas recordações e história de vida, a pessoa idosa é um construtor social e, através do seu legado, podemos ter acesso a um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos e que nos é revelado através de suas lembranças narradas no presente (Bosi, 2012).

De acordo com Halbwachs (2006), todos nós possuímos dois tipos de memória: coletiva e individual que se inter-relacionam, mas não se misturam. A individual (interior, pessoal e autobiográfica) se apoia na coletiva (exterior, social e histórica), uma vez que a história da nossa vida se insere na história em geral.

No entanto, a memória coletiva seria bem mais ampla e a memória individual poderia ser reduzida e explicada através da memória coletiva (Halbwachs, 2006).

Ao dar atenção às histórias de vida da pessoa idosa, obtém-se o testemunho subjetivo do indivíduo, à luz das suas experiências e da sua vida particular. Estas podem refletir uma época, suas normas sociais e os valores partilhados pela sociedade nos diversos contextos históricos. Assim, por meio das lembranças, podemos ter contato com as experiências vividas, e seus sentidos podem ser transmitidos ao longo das gerações influenciando a compreensão do mundo atual.

Quando revelarem suas lembranças e histórias de vida, as pessoas idosas produzem significados às diversas realidades humanas e se sentem valorizadas a partir do momento em que o seu passado e sua história são apreciados e transmitidos às outras pessoas, gerando mais sentido para a sua vida.

O método de história de vida é descrito por Freitas, *et al.* (2013), como um processo de rememorar, de visitar a vida do indivíduo contada por quem a vivenciou, selecionando os fatos mais significativos para o indivíduo nessa trajetória. Deste modo, ela permite obter informações na essência subjetiva da vida e uma pessoa, podendo suscitar questionamentos e reflexões sobre sua identidade. No entanto, ainda que as histórias de vida sejam particulares, são depoimentos de práticas sociais, uma vez que o indivíduo está inserido no mundo em vários contextos sociais.

Diante deste contexto, este estudo tem por objetivo uma reflexão teórica a respeito da importância de dar voz e escutar a memória coletiva e a história de vida de pessoas idosas, uma vez que estas podem contribuir para a busca da identidade da própria pessoa, como também para propagação de saberes para outras gerações. Este estudo está dividido em dois tópicos em que são abordados o envelhecimento humano, a partir de autores como Papaléo Neto, Camarano; e a Memória coletiva e história de vida de idosos, embasado em teóricos como Halbwachs, Ecléa Bosi, Celso Pereira de Sá e Ferraroti.

O envelhecimento humano

No mundo contemporâneo, o processo de envelhecimento da população pode ser considerado como uma das conquistas sociais mais importantes do século XX.

No Brasil, a população idosa cresce a passos largos, gerando mudanças na dinâmica populacional, fazendo com que o país não seja mais classificado como um país de jovens (Camarano, 2010; Küchemann, 2012).

De acordo com o Relatório do Banco Mundial (BIRD, 2011), o Brasil está passando por um processo de envelhecimento populacional em um ritmo muito mais rápido que os países desenvolvidos experimentaram. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que os idosos brasileiros somam atualmente 23,5 milhões de pessoas (Brasil, 2010) e as estimativas revelam que, até 2025, o Brasil pode apresentar a sexta maior população de idosos em nível mundial.

Essa mudança na chamada pirâmide populacional pode ser explicada pela combinação de vários fatores como a diminuição das taxas de fecundidade, redução da mortalidade, aumento da expectativa de vida ao envelhecer, uso de novas tecnologias, aprimoramento das políticas social e de saúde, entre outros fatores que fazem com que a pessoa viva por mais anos (Brasil, 2010).

Entretanto, na sociedade contemporânea pode ser observado um contrassenso, pois, ao mesmo tempo em que se busca uma maior expectativa de vida, a pessoa idosa é, muitas vezes, posta à margem da sociedade, sendo associada a uma série de estigmas como o da limitação funcional, da incapacidade, da falta de papéis sociais, da improdutividade, entre outros. Assim, ao negar a velhice, a sociedade contemporânea desvaloriza a história, os conhecimentos, a experiência de vida e a própria identidade da pessoa idosa, não visualizando esta como fonte de sabedoria.

Esta sociedade contemporânea é marcada por uma cultura da informação, da velocidade, da competitividade e do desempenho, tendo como base o corpo, a estética, recusando o processo natural de envelhecimento, uma vez que este é visto como algo decadente. No entanto, de acordo com Martins (1998), o tempo não é uma dimensão cronológica, medido em dias, meses e anos, mas sim um horizonte de possibilidades do ser.

Destarte, o tempo deve ser referido ao tempo interno em que recolhemos nossas experiências. A não compreensão dessa forma de notar o tempo faz com que as pessoas não percebam que a vida é mais que uma sequência de anos e de acontecimentos, e que a vida da pessoa idosa não foi apenas o que ela viveu no passado, mas que sua vida e sua história continuam e se cruzam no presente com as histórias coletivas, tendo ela ainda muito a fazer e dizer (Martins, 1998).

Ao analisarmos a definição dos termos “*velho*” e “*idoso*” no dicionário da língua portuguesa, observamos que: “*idoso*” é uma pessoa que tem muitos anos de vida; “*velho*” apresenta essa mesma definição, mas também é utilizada para mencionar coisas antigas, antiquadas ou usadas (Ferreira, 2010). Assim, o envelhecimento é interpretado de várias maneiras por diferentes pessoas, em diferentes contextos, ao encontrar diferentes significados em diferentes épocas e entre gêneros. No contexto bíblico o envelhecimento estava relacionado ao estado funcional e na possibilidade de viver uma vida boa.

No mundo ocidental, ao longo do seu contexto histórico e cultural, a visão negativa a respeito do envelhecimento aparece de forma mais acentuada. De acordo com Beauvoir (1990) antes do século XVIII, a velhice era considerada insignificante e, por vezes, motivo de escárnio. Já no século XIX, a pessoa idosa era reconhecida como a detentora do saber. Com a chegada do século XX, ocorre uma valorização do aspecto social do jovem, e a indústria da beleza passa a vender a eterna juventude e a negar a velhice. Nesse sentido, a aparência, o exterior, o corpo é valorizado e a velhice passa a ser associada à decadência.

Tomando como base o aspecto biológico, o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003) denomina de idoso a pessoa com 60 anos ou mais. A partir desse critério etário também são atribuídas pela sociedade várias expectativas, comportamentos, papéis e espaços sociais condizentes a esta população, criando estereótipos (Silva, Cachioni, & Lopes, 2012). Nessa fase do ciclo vital, o ser humano fica mais susceptível às perdas consideradas normais dentro do processo evolutivo. Entretanto, a velhice não pode ser sinônimo de doença, incapacidade e inutilidade.

De acordo com Ecléa Bosi (2012, p. 18), ser idoso “É lutar para continuar sendo homem”, é tentar sobreviver no cotidiano da sociedade contemporânea que vive uma exagerada preocupação com o presente e com o futuro e nega a relação com passado. Ao retratar o idoso na sociedade capitalista, a autora afirma que:

(...) o velho sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as diversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro um opressor (Bosi, 2012, p. 19).

O que pode ser observado na sociedade é que esta, muitas vezes, impede que as lembranças floresçam e rejeitam os seus conselhos, impedindo, assim, que a pessoa idosa se expresse, seja ouvida e respeitada em seus ambientes relacionais. Com isso, ela se retrai de seu lugar social e isso gera uma perda de conhecimento sobre fatos e experiências vivenciados, resultando no empobrecimento cultural da sociedade. A respeito disso, Bosi (2012, p. 83) relata que: “A velhice desgastada, ao retrain suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo”.

A cada dia, os investimentos e os avanços em tecnologia crescem de forma vertiginosa, e os recursos para armazenar e registrar os fatos são inúmeros, garantindo assim, um acervo para as gerações futuras.

Entretanto, também é visível a falta de percepção por parte da sociedade da capacidade que a pessoa idosa apresenta como potencial arquivo vivo da memória coletiva de um tempo, ao qual não temos mais acesso. Assim, as lembranças, o conhecimento, a cultura de um povo vão deixando de serem transmitidos para as gerações futuras, perdendo-se no tempo e espaço.

Entretanto, a pessoa idosa deve ser compreendida como ser social, potencial transmissor de memórias e patrimônio para a sociedade na qual está inserido, como descrito na Constituição da República Brasileira (Brasil, 1988), Art. 216, que trata a respeito do patrimônio:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Brasil, 1988).

Nesta perspectiva, a pessoa idosa, ao narrar suas lembranças sobre os lugares, os fatos, as experiências, a história da sua vida e dos fatos históricos, não está apenas construindo suas memórias particulares, mas a memória coletiva do grupo ou grupos sociais onde está inserida.

Ao buscar conhecer as memórias e histórias de vida das pessoas idosas através de suas narrativas, as lembranças individuais se apresentarão entrelaçadas às memórias coletivas, sendo estas propagadas ao longo do tempo.

Memória coletiva e história de vida de idosos

Geralmente, quando recordamos experiências vividas anteriormente, temos a impressão de ser este um fenômeno individual, íntimo e pessoal. Lembramo-nos do que é importante para nós e guardamos algumas dessas lembranças conosco sem comentários externos (Santos, 2012). Entretanto, mesmo com suas lembranças pessoais, cada indivíduo está inserido em um contexto social e a sua memória individual sofre influência das pessoas e espaços aos quais se relaciona. Esta memória constitui a memória coletiva, ou seja, ela é resultado da relação dos indivíduos em seus grupos sociais (Halbwachs, 2012).

Alguns autores têm se aproximado da questão do estudo da memória coletiva com distintas perspectivas, como Durkheim, Agostinho, Bergson (Ochoa, Argueta, & Munoz, 2005). Nas primeiras décadas do século XX, teóricos clássicos, como o sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederic Ckharles Bartlett, começaram a se preocupar com as reciprocidades e interdependência dos seres em sociedade e rejeitaram qualquer separação entre memória e sociedade.

Uma das principais obras de Halbwachs (2012), *Memória Coletiva*, foi escrita em um momento no qual a memória era entendida apenas como um fenômeno individual e subjetivo. No entanto, a maneira de tratar a memória deveria ser pensada em termos de “convenções sociais” e não apenas como algo individual e particularizado (Santos, 2012).

De acordo com o pensamento de Halbwachs (2012), quando o indivíduo narra suas recordações, entramos em contato com a lembrança única, a experiência solitária, da qual o informante é a única testemunha, mas este não está só, ele faz parte de uma “comunidade afetiva”, que traz todo o contexto das situações sociais partilhadas, por e com outros membros do grupo. Assim, as memórias pessoais se referem ao passado das próprias pessoas que se lembram, mas envolvem também os fatos sociais, potencialmente históricos de que tenham participado (Sá, 2012).

Toda a recordação estaria ligada a um contexto social mais amplo. A memória seria, então, um processo social em que os indivíduos não são vistos como seres isolados, mas em constante interação uns com os outros (Santos, 2012). Desse modo, a construção da memória ocorre através da interação e da comunicação social (Sá, 2012).

Pode-se afirmar que qualquer pessoa possui memória, seja ela criança, adulto ou idoso. Bosi afirma, porém, que, nas lembranças de uma pessoa idosa, é possível verificar uma história social bem desenvolvida, uma vez que “elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e definidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis.” (Bosi, 2012, p. 60).

Nessa perspectiva, a memória coletiva de uma pessoa idosa está mais bem desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de um jovem, ou adulto, que ainda está absorvido com as lutas e contradições do presente e, por isso, não se ocupa com lembranças e não tem tempo para isso (Bosi, 2012). Assim, a sociedade espera dos mais jovens a produção, e dos mais idosos, a lembrança.

A pessoa idosa passa, então, a ter uma nova função social que seria a de lembrar e contar para as gerações mais novas a sua história, de onde vieram, o que aprenderam, viveram e experimentaram ao longo dos anos vividos. Ela assume um papel importante na construção da nossa memória coletiva, uma vez que podemos afirmar que nossas verdades se baseiam nos relatos de nossos ancestrais, pois são a prova viva de um tempo que não vivenciamos e a sua própria existência revela uma época. A memória social do idoso permite a manutenção da identidade grupal, mostrando-se como elo vivo entre gerações, transmitindo a história de um passado vivido e experimentado (Barros, & Barros, 2014).

A função da pessoa idosa seria a de lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi com o porvir (Bosi, 2012). Assim, podemos considerar que a memória é conhecimento quando se apresenta como um processo de aprender-ensinar-construir, de fazer-desfazer-refazer.

Quando o adulto se lembra, segundo Halbwachs (2004), o seu lembrar é devaneio, é distração, é liberação das pressões do cotidiano. Quando o velho se lembra, o seu lembrar é ocupação, ele se ocupa do seu passado, da sua vida. Este autor descreve que, nas sociedades primitivas, em que os idosos não eram “membros ativos”, era-lhes dado um atributo de “guardiões das tradições” porque “(...) só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo das conversas com outros velhos, e para ensinar aos jovens a partir da iniciação” (Halbwachs, 2012, p. 63). Daí a importância de se estudar a memória das pessoas idosas.

Para, Bobbio, ao se ocupar do passado, ao repensar suas experiências, a pessoa idosa reconstrói sua identidade, como escreve:

O tempo do velho (...) é o passado. E o passado revive na memória. O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção (...). Esse imenso tesouro submerso jaz à espera de ser trazido à superfície durante uma conversa ou uma leitura; ou quando nós mesmos vamos à sua procura nas horas de insônia; outras vezes surge de repente por uma associação involuntária, por um movimento secreto da mente. Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (Bobbio, 1997, p. 53).

Ao recordar suas vivências, não é somente a pessoa idosa que se beneficia, mas todos aqueles que estão a seu lado, estabelecendo um sentido de continuidade cultural entre as gerações. Através das recordações das pessoas idosas, são percebidas as transformações ocorridas no espaço, na história, nas instituições, nos papéis sociais e no imaginário social (Bosi, 2012). As relações do passado se tornam presentes por meio das lembranças, e o idoso é peça fundamental na transmissão dos valores e crenças de uma geração. Assim, Bobbio (1997) expõe que o grande patrimônio da pessoa idosa está no mundo maravilhoso da memória social, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção.

Entretanto, o que se observa na sociedade atual é que a pessoa idosa permanece à margem por ter suas representações coletivas, em grande parte, suprimidas no cotidiano. Todavia, as recordações dos idosos podem deixar às claras um mundo com riquezas e diversidades que não conhecemos.

Para Bosi, a busca da felicidade pelas lembranças acontece porque a sociedade esvaziou o tempo do velho de experiências significativas, e resta a ele buscar em outra época o alento para tornar o presente significativo: “a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião a alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (Bosi, 2012, p. 82).

Ao procurar conhecer a história de vida da pessoa idosa, podemos identificar as transformações vivenciadas com o envelhecer, ter acesso a suas expectativas, dilemas e episódios marcantes em sua trajetória de vida. Ou seja, ao se ocupar do passado, repensar suas experiências, o idoso reconstrói sua identidade. Assim, ao buscar suas lembranças e recordações, a pessoa idosa também reconstrói a si mesma, através da permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido, de forma que “o que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e de grupo”, como descreve Pollak (1989, p. 9).

Sendo assim, recordar e contar os eventos marcantes de sua existência proporciona lições e *insights* à composição da história de vida (Gauer, & Gomes, 2008). A partir de suas lembranças, o indivíduo passa a definir a si mesmo, se reconhecer na sua própria experiência e se expressar a respeito da sua trajetória singular (Gauer, & Gomes, 2008). Recordar eventos altamente emocionais, positivos ou negativos, pode ajudar o indivíduo a prevenir situações ruins e a tomar a direção do sucesso.

Nessa perspectiva, Chauí também aponta a dimensão terapêutica proporcionada pela história de vida. Ao narrar suas experiências de vida, o sujeito se reconstrói, pois, segundo o autor “*lembrar não é reviver, é refazer*” (Chauí 2012, p. 20). Assim, trata-se de uma tentativa de oferecer escuta e, ainda mais de dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante (Silva, *et al.*, 2007).

Contar histórias, conversar, narrar fatos são maneiras de a memória vir à tona, oferecendo a oportunidade para a pessoa produzir sentidos, identificar-se, posicionar-se e relacionar-se dentro do seu ambiente social. A pessoa do narrador é fundamental para a sobrevivência dos conhecimentos do passado, pois é por meio das histórias que o narrador transmite o legado da tradição às gerações futuras, fazendo a ligação entre os fatos do presente e do futuro, podendo assim compreender melhor o mundo.

Ao relatar suas experiências de vida, o sujeito faz mais do que reviver histórias, ele reconstrói, repensa com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (Halbwachs, 2012). A lembrança, para Halbwachs (2012), é projetada como se fosse um filme construído pelos acontecimentos presentes do indivíduo no conjunto daqueles que povoam sua consciência atual. Um mundo social diverso e rico que não conhecemos pode chegar até nós pelas histórias de vida relatadas pessoas idosas. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos pelas pessoas que não os viveram, servindo como forma de humanizar o presente (Bosi, 2012).

De acordo com Bosi (2012), o modo de lembrar é individual tanto quanto coletivo, pois o grupo transmite, retém e reforça as lembranças. As narrativas das histórias de vida formam parte da memória coletiva (Silva, & Barros, 2010), uma vez que, de acordo com Halbwachs (2012), a memória seria sempre produto social e não individual.

Ao rememorar sua trajetória de vida, os idosos podem avaliar e interpretar os fatos vivenciados por meio de um processo de constante comparação entre o passado e o presente. Realiza assim, um vai-e-vem no tempo, visto que as lembranças não vivem no passado, mas precisam do tempo presente para serem reconstruídas e refletidas. A partir da rememoração, podem vislumbrar possibilidades futuras de sonhos não realizados, transpondo o passado e rompendo as barreiras colocadas pelo presente (Barros, & Barros, 2014). Além disso, podem refletir sobre as influências advindas da sociedade em que vive, uma vez que as lembranças estão relacionadas com os grupos sociais de que fazem parte, como a família, religião, classe social.

A lembrança do trajeto e experiência de vida de uma pessoa idosa parece ser um evento íntimo e particular, vivido em determinado contexto social. Mas, segundo Halbwachs (2012), para que as recordações tenham significado e sejam validadas, elas precisam dos outros, necessitam ser partilhadas com os outros. A memória de uma pessoa não pode ser apreciada como estritamente individual, uma vez que todo o indivíduo está inserido em uma sociedade, relacionando-se com grupos, com outros indivíduos, ainda que apenas em pensamento, de acordo com Halbwachs (2012). Mesmo as recordações consideradas mais pessoais de algum acontecimento em que apenas a pessoa que lembra esteve presente, são para o autor, de alguma forma, coletivas.

Desse modo, a partir da memória social da pessoa idosa, é possível compreender o modo de ser do indivíduo, enquanto sujeito que construiu suas experiências em um contato social, cultural, familiar, escolar e em outras instâncias que contribuem para o seu modo de ser, tanto individual quanto coletivo.

A compreensão da memória e as recordações da pessoa idosa podem servir não apenas para o conhecimento do indivíduo, mas essas recordações, as experiências narradas, a história de sua vida, podem ajudar para que outras pessoas possam ser influenciadas e estimuladas pelos fatos narrados. Isso porque a contribuição dos relatos dos idosos não se limita ao aspecto particular, individual, mas também para o coletivo e social. Assim, as experiências e seus sentidos, ao serem narrados e expostos pelos idosos, podem ser transmitidos ao longo das gerações, influenciando o conhecimento e entendimento do contexto atual.

Nesse sentido, a Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003, que institui o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), reforça o direito de participação do idoso para a pesquisa de memória, declarando no Capítulo V, Artigo 21:

Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais (Brasil, 2003).

A respeito disso, Ecléa Bosi (2003), em sua obra: *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*, escreve que a toda hora somos capazes de recuperar aspectos de nosso passado, mas o relato primordial é o que pode ser feito a outras pessoas, ganhando, assim, uma dimensão social, fazendo com que os outros ampliem sua experiência através das nossas palavras. Desse modo, haverá troca e cumplicidade, pois o falar aproxima as pessoas e as coloca num campo de significados comuns.

A história de vida pode ser a melhor abordagem para se compreender o processo de socialização, a emergência de um grupo, a estrutura organizacional, o nascimento e o declínio de uma relação social e as respostas situacionais às contingências cotidianas (Minayo, 2010). Sendo assim, uma das maneiras de obter as informações, as experiências e perspectivas do indivíduo é por meio da própria voz da pessoa (Mendonça, *et al.*, 2012).

Sobre isso, Ferraroti relata que o relato individual tem um importante papel social:

O nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um de nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual. Se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual; Todo o ato individual é uma totalização sintética de um sistema social ((Ferraroti, 1988 pp. 26-27).

Através de suas “histórias”, as pessoas idosas podem se inscrever socialmente e, assim, evidenciarem personalidade política, atuação social, cultural e econômica (Meihsy, & Holanda, 2013). Os relatos de pessoas idosas podem trazer à tona uma problemática pouco visível, convocando à discussão e a produção do saber e fazer na política pública (Meihsy, & Holanda, 2013). A respeito disso, Bosi declara: “Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (2012, p. 69).

Pensando tanto na necessidade da apropriação da própria história de vida, quanto na função social da transmissão da história e cultura, da qual o sujeito é portador, torna-se necessário criar situações nas quais essas experiências vividas sejam lembradas, ressignificadas e contadas, ainda que os espaços para essas atividades estejam restritos. Ao idoso, poucas vezes lhe é oferecida a oportunidade de compartilhar suas experiências de vida, o que o torna solitário e carente de comunicação e atenção.

Considerações Finais

O número de pessoas idosas está aumentando a cada ano no país e no mundo. Diante deste cenário a sociedade contemporânea apresenta uma indiferença e uma surdez coletiva em relação a dar voz e escutar as memórias e experiências de vida narradas pelas pessoas idosas. Com isso, ocorre uma perda em relação à construção do conhecimento da história e da cultura erigidas no passado e ressignificadas no presente.

A respeito do dar ouvidos às lembranças das pessoas, Primo Levi (2013), em seu livro *É isto um homem?*, narra as experiências de sua vida e dos outros prisioneiros durante a Segunda Guerra Mundial, no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. De acordo com o autor, um dos problemas por ele enfrentado, no período posterior ao evento, foi o fato de suas lembranças permanecerem silenciadas e de não ser ouvido, mas ignorado pelas pessoas ao seu redor. Ele tentava contar suas vivências, mas as pessoas se retiravam sem lhe dar ouvidos, condenando-o ao silêncio. Para Levi, esta ausência de alguém para lhe dar ouvido se apresentava como uma forma de violência silenciosa.

Na sociedade contemporânea, o que se observa é que as gerações mais jovens não têm tempo para ouvir atentamente e adquirir o conhecimento que pode ser alcançado através da história de vida das pessoas idosas. No entanto, consideramos que a pessoa idosa, a partir das lembranças dos anos vividos, pode ser considerada um construtor social, pois, a partir do seu passado, podemos ter acesso a um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade de informações e experiências individuais e coletivas, que não conhecemos, e que nos podem ser reveladas através de suas lembranças narradas no presente. Logo, torna-se imprescindível dar voz e escutar atentamente o que as pessoas idosas têm a nos dizer e ensinar.

Referências

Banco Mundial. (BIRD). (2011). *Population Aging: Is Latin America Ready?* Directions 2011 in Development. Washington, DC: The World Bank.

Barros, J.C., & Barros, M.M.L. (2014). Memórias de Velhos: Rememorando a Trajetória de Vida e a Sociabilidade nas Relações Familiares. *Revista Kairós Gerontologia*, 17(4), 337-358. São Paulo (SP): FACHS/PEPGG/NEPE/PUC-SP. URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/24246/17435>.

Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.

Bobbio, N. (1997). *O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro (RJ): Campus.

Bosi, E. (2003). *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo (SP): Ateliê Editorial.

Bosi, E. (2012). *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. (17ª ed.). São Paulo (SP): T. A. Queiroz.

Valença, T.D.C., & Reis, L.A.dos. (2015, abril-junho). Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(2), pp. 265-281. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal. 1988. Recuperado em 22 janeiro, 2016 de: http://www.senado.gov.br/atividade/const/constituicaofederal.asp#/con1988/CON1988_21.03.2000/art_75_.shtm

_____. (2003). *Estatuto do Idoso*. Lei n.º 10741: de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília (DF): Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações; 2003. Recuperado em 22 janeiro, 2016, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm

_____. (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo 2010. *Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro. 2010. Recuperado em 22 de janeiro, 2016 de: <http://loja.ibge.gov.br/censo-demografico-2010-caracteristicas-gerais-da-populac-o-religi-o-e-pessoas-com-deficiencia.html>

Camarano, A.A. (2010). *Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro (RJ): IPEA.

Chauí, M. (2012) Apresentação: Os Trabalhos da Memória. In: Bosi, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo (SP): EDUSP.

Ferrarotti, F. (1988). Sobre a Autonomia do Método Biográfico. In: Nóvoa, A., & Finger, M. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa (Portuga): Pentaedro Publicidade e Artes Gráficas.

Ferreira, A.B.H. (2010). *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. (5ª ed). Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.

Freitas, E.R., Barbosa, A.J.G., Scoralick-Lempke, N., Magalhães, N.C., Vaz, A.F., Daret, C.N., Peres, F.S., & Carvalho, M.F. (2013). Tarefas de Desenvolvimento e História de Vida de Idosos: Análise da Perspectiva de Havighurst. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 809-819.

Gauer, G., & Gomes, W.B. (2008). Recordação autobiográfica: reconsiderando dados fenomenais e correlatos neurais. *Journal Aletheia*, 27, 51-64.

Halbwachs, M. (2004). *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona (Espanha): Antrophos.

Halbwachs, M. (2012). *A memória coletiva*. (2ª ed.). São Paulo (SP): Centauro.

Küchemann, B.A. (2012). Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. *Soc. Estado*, 27(1),165-180.

Levi, P. (2013). *É isso o homem?* Rio de Janeiro (RJ): Rocco.

Martins, J. (1998). Não somos Cronos, somos Kairós. São Paulo (SP): *Revista Kairós Gerontologia*, 1(1), 11-24.

Meihy, J.C.S.B., & Holanda, F. (2013). *História oral: como fazer, como pensar*. (2ª ed.). São Paulo (SP): Contexto.

- Mendonça, A.A., Santos, A.F., Brandão, F.R., Pereira, K.B., & Brito, R.F. (2012). História de vida, de cinco mulheres, na terceira idade, cuidadoras de idosos, na cidade de Belo Horizonte (MG). *Rev. Enfermagem*, 15(01), 16-27.
- Minayo, M.C.S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo (SP): Hucitec.
- Ochoa, M.M., Argueta, R.A., & Muñoz, E.S. (2005). *Historia y memoria: Perspectivas teóricas y metodológicas*. San José (Costa Rica): Flasco.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 03-15.
- Sá, C.P. (2012). A memória histórica numa perspectiva psicossocial. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, 14, 94-103, (Ano 9).
- Santos, M.S. (2012). *Memória coletiva e teoria social*. (2ª ed.). São Paulo (SP): AnnaBlume.
- Silva, A.P., Barros, C.R., Nogueira, M.L.M., & Barros V.A. (2007). Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 1(1), 25-35.
- Silva, N.P., Cachioni, M. & Lopes, A. (2012). Velhice, Imagem e Aparência: a experiência de idosos da UnATI-EACH-USP. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(Número Especial 14, “Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice”), 235-257.
URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15251/11377>.
- Silva, V.P., & Barros, D.D. (2010). Método história oral de vida. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 21(1), 68-73.
- Valença, T.D.C., & Silva, L.W.S. (2011). Fisioterapia no Cuidado ao Sistema Familiar: Uma Abordagem à Pessoa Idosa Fragilizada. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 14(Número Especial 9, “Família Ciclo Vital e Velhice), 89-104. URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6489/4705>.

Recebido em 17/05/2015

Aceito em 30/06/2015

Tatiane Dias Casimiro Valença - Fisioterapeuta. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGM/UESB); Professora do Curso de Fisioterapia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Departamento de Saúde 1.

E-mail: tatidcv@ig.com.br

Luciana Araújo dos Reis - Fisioterapeuta. Doutora em Ciências da Saúde (UFRN); Professora dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGM/UESB); Professora do Curso de Fisioterapia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Departamento de Saúde 1; Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Envelhecimento e Obesidade (UESB – CNPq).

E-mail: lucianauesb@yahoo.com.br